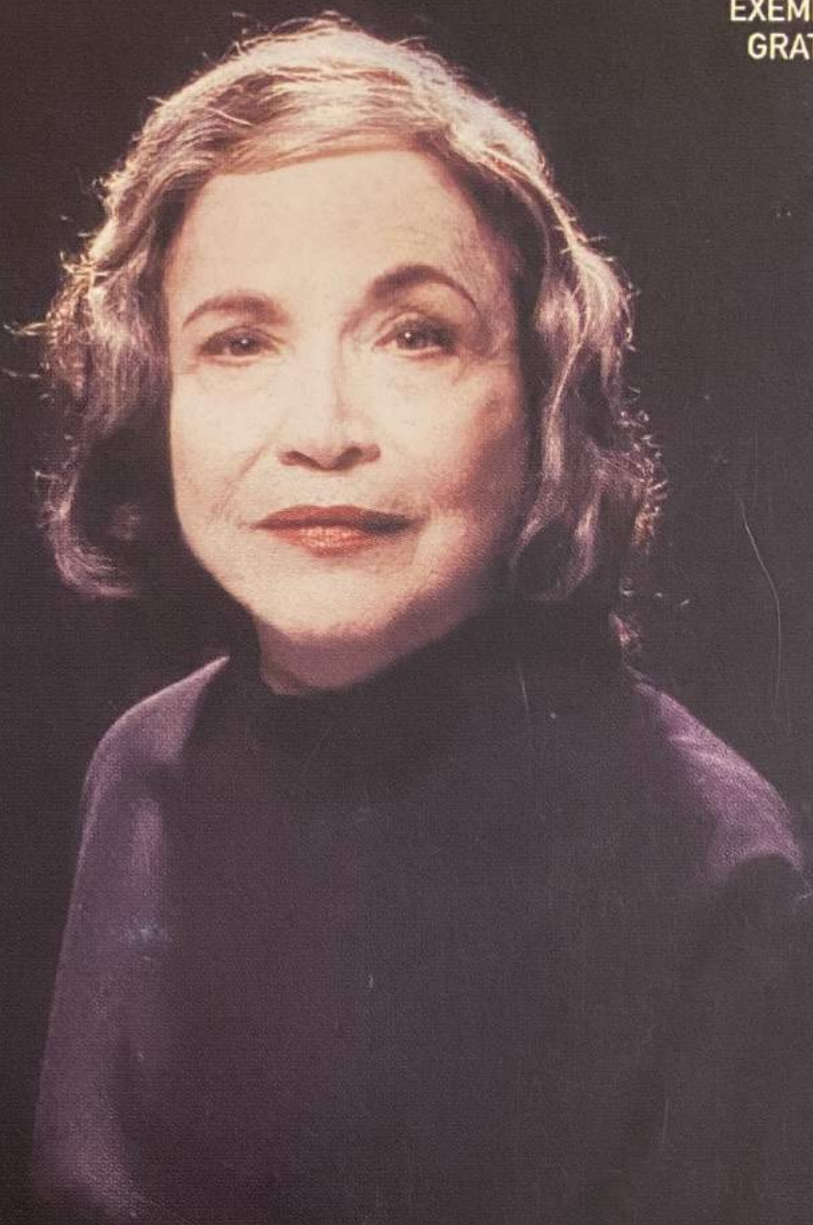


REVISTA

ANO IV Nº 56
EXEMPLAR
GRATUITO

APLAUSO



Melanie Klein

Mãe e filha em um conflito sem solução

Nathalia
Timberg

Em Cartaz
Jornal do Teatro
Dercy Gonçalves
Gaspar Filho
Guta Stresser
Osmar Prado
Roberto Alvim

Banco do Brasil apresenta



Macbeth

Teatro III

Companhia Amok Teatro

11 de março a 2 de maio

Quarta a domingo – 19h

Rua Primeiro de Março, 66 – Centro
Tel.: 3808-2020
cultura-e.com.br



bastidores

O grande desafio

“Aos 97 anos de idade, já estou pronta para morrer. Tudo que fiz no palco dos teatros e da vida valeu. Mas como ainda estou aqui, costumo assistir algumas peças. Estou viva, e como todo mundo gosto da graça e da beleza.

Comecei no teatro nos anos 20. Fugi de casa aos 16 anos e logo entrei na companhia da Maria Castro. Ela cuidou de mim. Foi mãe, madrinha e me ensinou tudo. Acreditou que eu tinha talento.

Era um tempo em que a Praça Tiradentes era um reduto marginal e o teatro de revista muito pobre. Mas nem por isso perdia em qualidade ou respeito. Era repleto de autores muito bons, como o Luís Peixoto. Os textos tinham ironia, criticavam a política e a sociedade da época e também divertiam. Eram tão bons que uma vez o Getúlio Vargas foi assistir e riu muito.

Bons tempos em que as atrizes tinham que saber cantar e dançar bem, além de atuar. Hoje temos muito bons atores e atrizes, mas naquele tempo isso era regra. Hoje é exceção. Estão vendendo formiga e dizendo que é camarão. E o público é bobo mesmo e aceita. Porque o povo não tem obrigação de saber o que é teatro de qualidade. Eu quando comecei não sabia, por que eles iriam saber?

Não vivo com saudade do passado. E ainda me emociono quando vejo representações que mostram a qualidade do artista, como foi a temporada de *Intimidade Indecente*, com o Marcos Caruso e a Irene Ravache. O grande desafio do teatro atual é unir qualidade e ser popular ao mesmo tempo. O que era uma das grandes virtudes do teatro de revista. Sei que os tempos não voltam mais. Mas, se houver uma vontade legítima de se reeditar esse espírito com honestidade, ainda é possível.”



Dercy Gonçalves, março de 2004

Sob nova atuação

Sucesso desde junho de 2002, *Cosquinha* sofrerá uma mudança radical. A partir do dia 6 de março, o espetáculo deixa de ser protagonizado por Heloísa Périssé e Ingrid Guimarães. No papel de Luiza, revezam-se as atrizes Bruna Marquezine e Thaís Muller. Amanda será vivida por Isabele Drumond. Confira!

3X Shakespeare

Abril é o mês do dramaturgo inglês. No Espaço Sesc será a vez de *Hamlet*, uma releitura da Cia. dos Atores. No CCBB, o grupo Nós do Morro apresenta sua versão moderna para *Sonho de Uma Noite de Verão*. A montagem mais fiel fica por conta de *Medéia*, no Teatro Villa-Lobos. Produzida por Renata Sorrah e Deborah Evelyn, tem Bia Lessa na direção e Renata à frente do elenco.

Tablado noturno

Gordinhos e felizes. Esta é a proposta do espetáculo *Leonce e Lena*, com Luis Carlos Tourinho, André Mattos, Débora Lamm. Comédia escrita pelo dramaturgo alemão Georg Büchner em 1836, a peça estréia dia 12 de março e marca a reabertura do tradicional horário noturno no Teatro Tablado. Agende-se desde já!

Isabela produz

A atriz Isabela Garcia está produzindo o musical infanto-juvenil *Beijo na Boca*, escrito pelo marido Carlos Thiré. A montagem ousada pretende agradar pais e filhos modernos, discutindo o conflito do primeiro beijo ao som de muito hip hop, funk e rock. Ensaios abertos dias 6 e 7. A estréia é dia 13, às 17h, no Teatro Villa-Lobos.

Guta Stresser

A conta não fecha

Desde que comecei no teatro aos 13 anos, em Curitiba, tem sido raro me afastar dos palcos. Já tenho 20 peças profissionais no currículo — seis foram com o grupo *Os Privilegiados*, com o Antonio Abujamra, em São Paulo, do qual me orgulho muito de ter participado.

Aos 31 anos, com quase 20 de profissão, posso dizer que não é o público que tem se afastado do teatro. E sim o teatro que tem se afastado do público. Para a classe média, o ingresso não pode custar o que custa. Mas, para a classe artística, não pode custar menos.

O aluguel de um bom teatro pode chegar a R\$ 6 mil por semana, o que equivale a quase R\$ 2 mil por dia de peça. Sem contar o salário dos técnicos e dos atores. Por isso não tem como ser mais barato. A não ser que se tenha subsídios.

É fundamental haver patrocínio no teatro. Cada vez mais o governo e as instituições privadas têm que se sensibilizar. É a única forma de pagar as contas, arcar com as despesas de mídia — para atrair mais público — e ainda baixar o preço do ingresso.

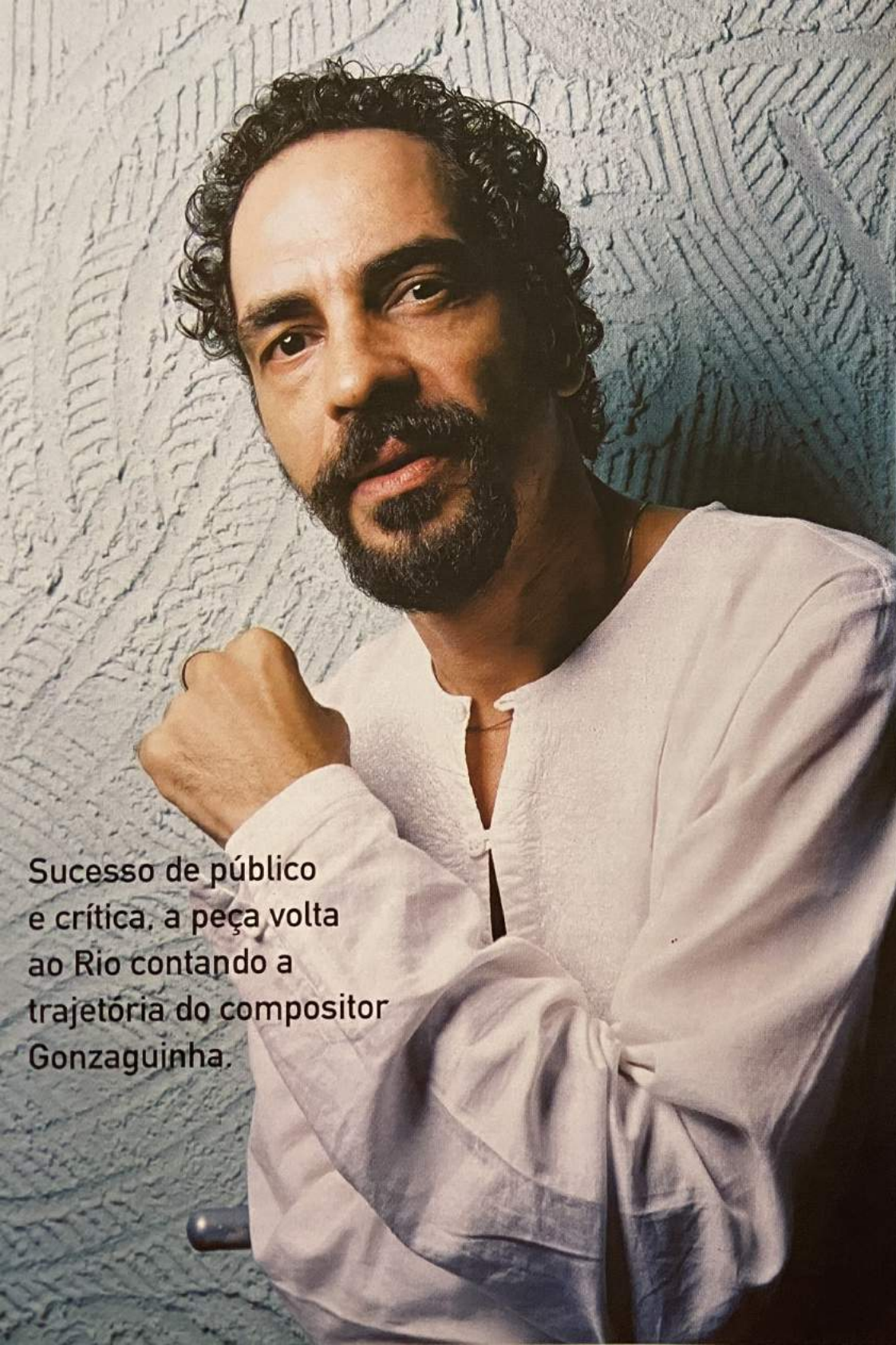
"Um dia a gente chega lá", diz Guta Stresser.



E não há outra forma de se resolver essa impossibilidade numérica. O último final de semana do mês é sempre o mais vazio dos teatros. Por quê? Porque o povo não tem mais dinheiro. É a prova mais clara de que a crise de público está diretamente relacionada à questão financeira.

As empresas brasileiras devem aproveitar os benefícios das leis de incentivo e constatar que é 'chique' ter o nome ligado a projetos sociais e culturais.

Estou em cartaz com *Mais Uma Vez Amor*, no Teatro Leblon, com o apoio da Varig Brasil e da Globo FM. Até o final de março estamos com uma promoção: o público apresenta um ingresso de filme brasileiro e ganha 20% de desconto no espetáculo. É uma iniciativa simpática, que atrai quem consome cultura e marca o início dessa visão de investimento amplo. Um dia a gente chega lá!"



Sucesso de público e crítica, a peça volta ao Rio contando a trajetória do compositor Gonzaguinha.

Começaria tudo outra vez

“Viver e não ter a vergonha de ser feliz”. O verso mais famoso de Gonzaguinha poderia ser o resumo de sua trajetória. Um dos mais prestigiados – e censurados – compositores brasileiros nas décadas de 70 e 80, ele volta a ser homenageado no premiado *Começaria Tudo Outra Vez*, musical assistido por quase 50 mil espectadores há oito anos.

Indicado ao Prêmio Shell em 1996 em duas categorias, o espetáculo volta ao Rio numa temporada de três semanas no Centro Cultural dos Correios, a partir do dia 12 de março. E continua em cartaz em horário alternativo no Teatro das Artes, de abril a maio. A montagem continua igual, exceto o figurino – agora menos preocupado em reproduzir roupas usadas por Gonzaguinha, dando mais ênfase à linguagem teatral.

Influência

Além do belo texto escrito e dirigido pelo jornalista Dacio Malta, o grande trunfo da peça é a atuação surpreendente de Gaspar Filho. O ator de 42 anos, que mudou radicalmente

seu visual para ficar parecido com Gonzaguinha, ainda interpreta outros sete personagens e, durante quase duas horas, canta 35 músicas sozinho.

“Ele era um músico excepcional, um homem politizado e apaixonado pelas mulheres. Sua biografia é apaixonante. E é por isso



que o espetáculo faz tanto sucesso: consegue captar a sensibilidade desse artista multifacetado que nos deixou muito cedo”, conta Gaspar Filho, que já emagreceu 10 quilos e pretende perder outros 10 até a reestréia. Gonzaguinha pesava 56 quilos.

O sucesso da peça mudou ainda sua vida pessoal. Há oito anos Gaspar Filho foi convidado para ser padrinho de uma instituição do Hospital Pedro II, que leva o nome do compositor. “O lado político do Gonzaguinha me aproximou do lado social e beneficente”, diz. Além disso, Gaspar nunca se privou de cantar músicas do compositor em bares. “Me convidavam para dar uma canja e eu não recusava. Sou um ator antes e depois do Gonzaguinha. E tenho o maior orgulho disso”.



8 x Gaspar

Conheça os personagens que Gaspar Filho interpreta.

Gonzaguinha – Nascido no Morro de São Carlos, no Rio, teve uma infância pobre. A mãe morreu quando era criança e o pai adotivo, Luiz Gonzaga, só lhe deu valor mais tarde.

Fernando Jota – União dos nomes de dois grandes amigos de Gonzaguinha, Fernando Brant e Jota Moraes, este personagem funciona como narrador.

Frenética – Para interpretar duas canções que Gonzaguinha escreveu para o grupo As Frenéticas, Gaspar se arma de peruca verde-limão e óculos de estilo anos 70.

Helena – Mulher de Gonzagão, dizem as más línguas que Helena aproveitava as constantes viagens do marido para deixar o jovem Gonzaguinha sem

comida e fora de casa.

Gonzagão – Condenava as amigadas do filho comunista. No texto, cabe ao Rei do Baião uma das passagens mais bonitas.

Ceguinho – Personifica os nordestinos, que até hoje têm grande consideração à figura de Luiz Gonzaga, comparando-a ao Padre Cícero e Lampião.

Fã – O personagem entra em cena como um malandro, elogiando o trabalho de Gonzaguinha e pedindo autógrafa. O cantor e compositor recusa e é atacado pelo fã.

Dina – Foi quem criou Gonzaguinha, ao lado do marido, Henrique Xavier, conhecido como Baiano do Violão. Para ela, Gonzaguinha dedicou um de seus melhores sambas.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Colecione! Assine!

Enviamos para todo o Brasil

Maiores informações

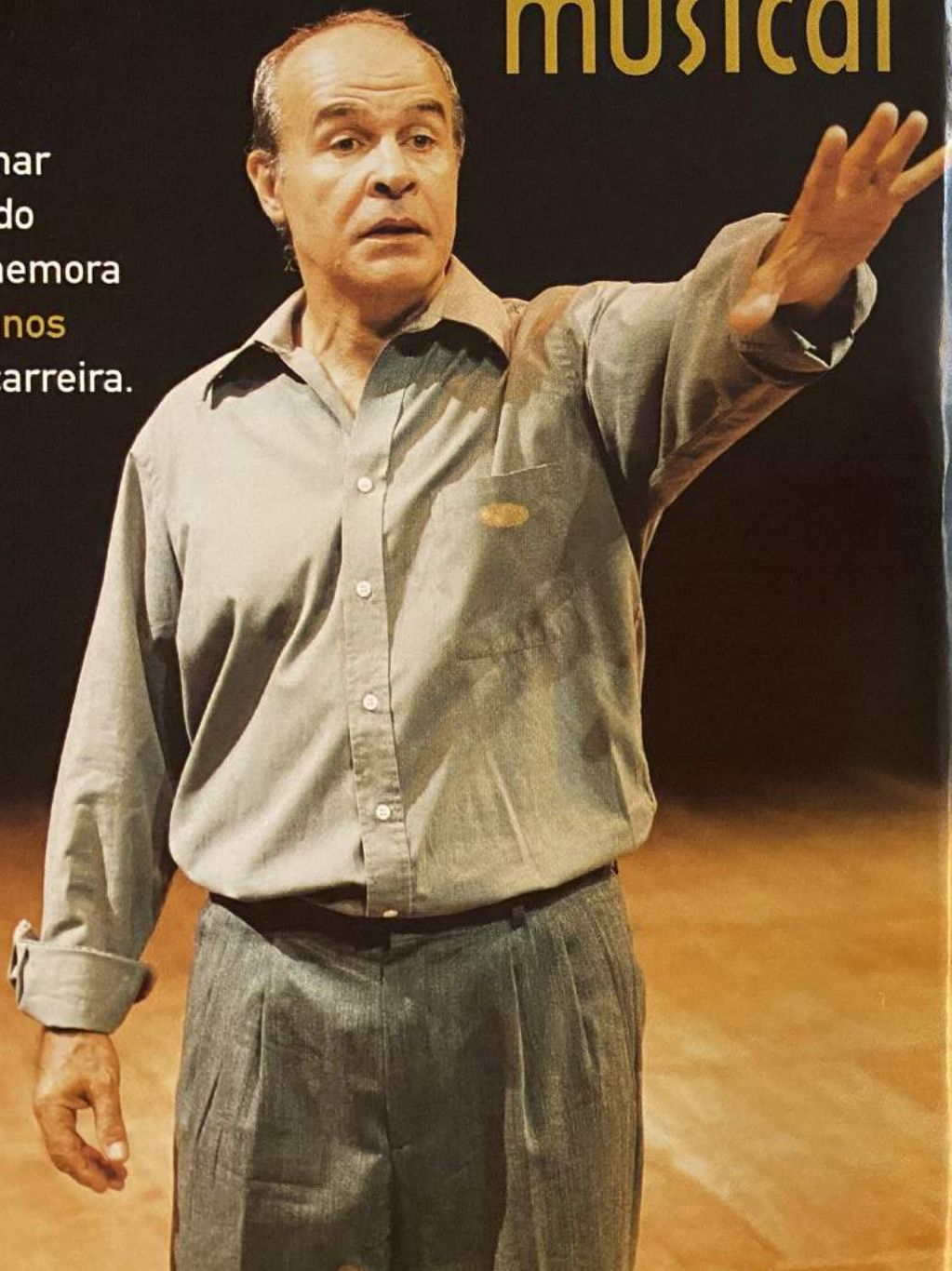
Tel.: (21) 2511-5344 / 2511-1390
ou e-mail: aplauso@gbl.com.br

Assinatura
semestral
R\$ 24

Coleção completa
de Aplauso por R\$ 54!
Edições de 1 a 55

Delírio poético musical

Osmar Prado comemora 45 anos de carreira.



Há sete anos a pianista Jurema Fontoura convenceu Osmar Prado a montar um espetáculo com lembranças afetivas de sua carreira. O primeiro ensaio aberto só aconteceu em 2002, na Feira do Livro em Porto Alegre. A apresentação única para 400 pessoas fez tanto sucesso que estimulou a dupla a aperfeiçoar o roteiro e encerrar uma temporada no Rio. E o resultado já pode ser conferido nas tardes de terça na Sala Baden Powell.

Delírio Poético Musical é um projeto ousado, com concepção e direção do próprio Osmar, que divide o palco com a esposa e bailarina Vânia Penteado e a pianista Jurema. Com supervisão cênica de Stella Miranda, o ator domina a cena recitando 10 poemas (principalmente de Mario Quintana e Fernando Pessoa), cantando sete músicas (de Vinicius de Moraes, Tom Jobim, Chico Buar-

que) e contando histórias que marcaram os 45 anos de sua trajetória teatral.

“Cheguei a pensar em comentar cada música que cantava, explicando o porquê da importância de cada uma na minha vida e carreira. Mas achei que ficaria muito didático e então resolvemos costurar todo o repertório”, conta Osmar, que também conversa com o público. “O grande barato do artista é tentar superar os seus limites. E com este espetáculo tenho novamente oportunidade para isso”.

Foram sete anos de ensaios de quatro horas, duas vezes por semana. Tempo que, entre um trabalho e outro, o barítono Osmar se dedicou a aperfeiçoar sua capacidade vocal. Depois de mais de 40 novelas, quase 30 peças e 7 filmes, o veterano dos palcos ainda mantém o espírito de principiante. “É fundamental não achar que se sabe tudo e sempre se entregar como se fosse a primeira vez”, ensina.

O passado

Filho de um músico e de uma dona-de-casa, Osmar Prado teve uma infância de classe média baixa no bairro de Vila Clementino, em São Paulo, ao lado de três irmãos. “Meu pai costumava nos levar ao circo. Era a minha grande paixão. Fui o único a ter dom artístico na família. Comecei a fazer aulas de circo e não parei mais”, lembra o ator, que se orgulha em dominar perna-de-pau, salto mortal e malabares. Em 1965 resolveu se mudar para o Rio para se profissionalizar em teatro. Não voltou mais.

O futuro

Há 14 anos casado com a bailarina Vânia Penteado, Osmar tem três filhas: Janaína, Tainá e Luana. As três já mostram talento artístico. Por enquanto, a primeira a ganhar destaque é Janaína Prado – que está em cartaz no Teatro SESI em *O Tartufo*. Embora se assuma como pai-coruja, o ator deixa que as filhas sigam seu próprio rumo. “O teatro é a minha vida e deixei para trás muitas coisas. O teatro só não ficou à frente da minha família. Mas se a família quer subir ao palco também, melhor ainda. É um orgulho”, confessa.

A portrait of Melanie Klein, an elderly woman with short, wavy brown hair, wearing a dark purple turtleneck sweater. She is looking slightly to the right of the camera with a neutral expression.

Melanie Klein

A precursora da
psicanálise infantil e
os problemas com
sua própria filha.
Insolúveis.

Por Janaina Medeiros

Santo de casa não faz milagre, já dizia a sabedoria popular. E não foi diferente com a mulher conhecida como a mãe da psicanálise infantil. Melanie Klein não conseguiu resolver seus próprios problemas domésticos com a filha, chegando a ficar sem falar com ela nos seus últimos anos de vida. E é sobre esta crise a peça do inglês Nicolas Wright, dirigida por Eduardo Tolentino de Araújo, que estreia no próximo dia 5 no Teatro Maison de France.

Escrita em 1988, o espetáculo mostra o confronto de três psicanalistas: Melanie Klein, sua filha Melitta Schmeideberg (Carla Marins) e sua discípula e admiradora Paula Heimann (Rita Elmor), trazendo à tona as contradições de Klein, o ressentimento de Melitta e o olhar

reflexivo de Paula. Tudo começa na noite após a morte de Hans, segundo filho de Melanie Klein, em 1934. À esta época, sua filha Melitta já é uma psicanalista famosa que se opõe às teorias profissionais da mãe e questiona sua própria criação.

Marcas e Cicatrizes

“Ela se sente como se tivesse sido cobaia a vida inteira, principalmente na infância. E guarda mágoas profundas sobre isso, além de culpar a mãe pela morte do irmão”, revela Carla Marins. Melitta era psicanalista formada, ao contrário da mãe, que era autodidata. A filha já fazia parte da Sociedade Psicanalítica Londrina e, a partir dessa crise, se torna arquiinimiga ferrenha de Melanie.



A protagonista Nathalia Timberg se em-
polgou tanto pelo projeto que resolveu pro-
duzi-lo e convidar o amigo Eduardo Tolen-
tino de Araújo para a direção "A Melanie é
uma figura apaixonante por tudo que ela
representa no mundo moderno e dentro do
desenvolvimento da psicanálise".

Conhecer psicanálise ou teorias kleinianas
não é pré-requisito para se entender a peça.

"A trama mostra um ser humano desnudo.
Eventualmente, ela é psicanalista. Mas é so-
bretudo um ser que, diante da sua própria
crise, se vê fragilizada. A vulnerabilidade hu-
mana é universal e atemporal", diz Nathalia.
"E é interessantíssimo ver a contradição
desta mulher que revolucionou a psicanálise
infantil e viveu um drama com a própria
filha", completa Carla Marins.



Melanie X Melitta

Melanie Klein nasceu em Viena, em 1882, e abandonou a vida doméstica para abraçar uma profissão num tempo em que psicanálise era reduto masculino. Em 1926, mudou-se de Berlim para Londres e logo ficou conhecida por suas teorias revolucionárias. Foi ela quem introduziu jogos infantis e brinquedos nos processos terapêuticos. Melanie chegou a clinicar seus próprios filhos, numa época em que tal situação era permitida. Após a crise relatada na peça, Melitta Schmeideberg e a mãe ficaram sem trocar uma palavra sequer até a morte de Melanie Klein, em 1960. No dia do enterro da psicanalista, a filha calçou botas vermelhas e foi dar aula na universidade. Mas nunca conseguiu libertar-se internamente da figura materna.

MACBETH



Clássico de Shakespeare ganha versão surpreendente.

Um ano de ensaio. Este foi o tempo que levou a preparação para o terceiro espetáculo da companhia Amok Teatro, *Macbeth*. Adaptação inusitada do clássico de William Shakespeare, o espetáculo promete chamar atenção a partir do dia 12 de março no Teatro III do Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB) por conta do visual criativo e dos diálogos enxutos e atuais.

Com 1 hora e 50 minutos de duração, esta versão de *Macbeth* apresenta apenas 11 personagens em cena. Originalmente a peça foi escrita com cerca de 30 papéis. Para encená-la com sete atores, características de vários personagens foram fundidas. Porém, a essência dos protagonistas foram mantidas. Mesmo porque os próprios fundadores do Amok, Ana Teixeira e Stephen Brodt, que

também assinam a adaptação e composição, não pretendiam fazer algo “moderno” e sim uma visão teatral alternativa.

Conflitos

A trama conta a história de Macbeth (Stephane Brodt), um nobre general escocês que, após ter vencido uma batalha contra rebeldes, encontra em seu caminho uma bruxa (Pedro Rocha) que profetiza que ele

gurino evoca culturas antigas, compostas por uma sociedade austera, com reis e bruxas. Lembra a Rússia ortodoxa, embora não tenha compromisso com a verdade histórica ou geográfica”, diz Ana Teixeira, também diretora.

Tanto o figurino quanto a maquiagem, inspirada nas máscaras da tribo africana Nouba de Kau, foram assinados por Stephane Brodt. A música é de Carlos Bernardo.



O que é o Amok?

O Amok Teatro foi fundado pelo casal Ana Teixeira e Sthephane Brodt em 1998, com o espetáculo *Cartas de Rodez*. E a estréia foi com o pé direito, ganhando o prêmio Shell de melhor ator e direção. Em 2001, a segunda peça, *O Carrasco*, venceu o prêmio do Governo do Estado de melhor espetáculo, o que possibilitou a compra de uma sede própria para a companhia. O galpão, situado na zona sul, tem sido o esconderijo do grupo nos últimos 12 meses. “Se não fosse a sede, não teríamos como ensaiar durante um ano. E esse tempo foi necessário para ajustar a adaptação *Macbeth* como queríamos”, diz Ana.

se tornará rei. A visão desperta o desejo de chegar à coroa. Quando a ocasião se apresenta, Lady Macbeth (Ladmila Wirchansky), ainda mais ambiciosa do que seu marido, incentiva-o ao assassinato do rei.

Uma vez cometido o crime, ele se torna prisioneiro de uma engrenagem infernal. Uma série de crimes e batalhas se seguem. Macbeth vive uma intensa luta entre sua ambição e seus valores morais. E seu drama só encontrará refúgio na morte, a única que poderá lhe devolver o repouso perdido.

Além de menos personagens em cena, o *Macbeth* do Amok apresenta linguagem mais coloquial e figurino bastante ousado. “O fi-

Talentos da Vez

O projeto, que pretende criar um celeiro de talentos artísticos, deve receber 600 candidatos em sua primeira etapa.

Por Janaina Medeiros

Já foi dada a largada para o *Talentos da Vez*. O projeto, pioneiro e ousado, capacita e seleciona jovens artistas de comunidades carentes do Favela Bairro que se revelem promessas nas áreas de teatro, dança, artes plásticas, música e circo. Cerca de 600 candidatos devem passar pela primeira etapa de seleção.

E tudo isso tem sido possível graças a parceria da *Revista Aplauso* com a ONG Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável (Cieds) e Prefeitura do Rio, por meio da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social. Para o secretário Marcelo Garcia, o projeto tem uma estratégia fundamental para o futuro da cidade.

“O *Talentos da Vez* funciona nas frentes social, cultural e de trabalho. Nossa função é procurar esse talento, especializá-lo e lhe dar ferramentas para que o meio artístico e cultural possa, de fato, descobri-los”, avalia, lembrando que até o mês de julho serão promovidas oficinas de arte, de cultura e apresentações para profissionais conceituados do meio.

Ainda segundo o secretário municipal de Desenvolvimento Social, este programa não



só capacita jovens carentes como, principalmente, possibilita sua inclusão social e econômica: “é um público-alvo que não possui muitas alternativas culturais. Por outro lado, não faltam talentos para as artes e cultura nas comunidades carentes. Essa juventude é muito criativa”.

Celeiro

O objetivo é criar um celeiro de talentos artísticos, oferecendo ao mesmo tempo visibilidade e auto-estima a cada um dos participantes. “O projeto incentiva os jovens carentes a acreditar que eles podem se tornar profissionais. Todos que participarem, mesmo os que não forem vencedores, vão confiar que podem chegar a algum lugar”, diz o secretário.

Para desenvolver as oficinas de arte e cultura ministradas por profissionais do teatro, dança, música, artes plásticas e circo aos candidatos de comunidades carentes, o projeto *Talentos da Vez* dispõe de um espaço físico cativo, um imóvel localizado na região portuária, no centro do Rio. O contrato foi fechado entre a Companhia Docas do Rio e a *Revista Aplauso*.



Marcelo Garcia, o secretário municipal de Desenvolvimento Social

O que é?

O Projeto *Talentos da Vez* é uma parceria entre a Prefeitura do Rio de Janeiro, por meio de seu Programa Favela Bairro, e a *Revista Aplauso*. Na primeira fase, os participantes terão aulas de Direitos Humanos, Cidadania, Português, Redação, História da Arte e noções de mercado de trabalho na área cultural. A segunda fase conta com oficinas de teatro, dança, circo, música e artes plásticas. Em agosto, o resultado do trabalho será transformado em um grande espetáculo, aberto ao público. Gringo Cardia e Lúcia Coelho dividem a direção artística do Projeto. Mana Pontes Galliez Pinto assina a coordenação de produção.

Maiores informações pelos telefones: 2503-3114, 2240-8479 ou 2233-6648. As inscrições estão abertas até o dia 15 de março.



A ÓPERA DO MALANDRO

Superprodução do musical de Chico Buarque, conta a história de um contrabandista que se casa com a filha do rival, um cafetão da Lapa. Direção: Charles Möeller (direção musical de Cláudio Botelho). Com Mauro Mendonça, Lucinha Lins, Soraya Ravenle, Claudio Tovar. **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes, s/nº, Centro). Fone: 2232-8701. Quinta e Sexta, 19h. Sábado, 21h. Domingo, 18h. R\$ 15 (idosos e estudantes R\$ 7,50).

ABALOU BANGU

Casal de classe média vende a casa onde morou por 30 anos em Bangu para comprar um apartamento em Copacabana, e tenta se acostumar com os hábitos da zona sul. Texto e direção: Flávio Marinho. Com Cristina Pereira e André Valli. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. Terça, 21h. Quarta, 17h e 21h. Quinta, 16h30. R\$ 30.

ALUGA-SE UM NAMORADO

Mulher solteirona contrata ator para fingir ser seu namorado, só que ele deve convencer à família de que também é judeu. Texto: James Schermann. Direção: Carlos Magalhães. Com Eri Johnson, Mara Manzan, Cláudio

Heinrich. **Teatro dos Grandes Atores – Sala Azul** (Av. das Américas, 3.555, Shopping Barra Square, Barra). Fone: 3325-1645. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R\$ 25 (qui.), R\$ 30 (sex. e dom.) e R\$ 35 (sáb.).

CAOSBARÉ

Espectáculo de dança com oito bailarinos que, através de vários quadros independentes, comentam de forma bem-humorada o mundo caótico atual. Concepção: Ricardo Bandeira. **Teatro do Leblon** (Rua Conde de Bernadotte, 26, loja 104, Leblon). Sexta e sábado, meia-noite. R\$ 20.

COMEÇARIA TUDO OUTRA VEZ

Musical sobre a trajetória do compositor Gonzaguinha, sua luta contra a tuberculose e seu envolvimento com questões sociais e políticas. Texto e direção: Dacio Malta. Com Gaspar Filho. **Teatro do Centro Cultural dos Correios** (Rua Visconde de Itaboraí, 20, Centro). Fone: 2503-8770. Quinta a domingo, 18h30. R\$ 10. Estréia: 12 de março.

CONJUGADO

Mulher vive num apartamento conjugado e enfrenta a solidão e o isolamento. Texto e direção: Christiane Jatahy. Com Malu Galli. **Espaço Sesc**

Copacabana – mezanino (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 2547-0156. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 19h. R\$ 10.

CONSTELLATION

Musical conta a viagem inaugural do avião Super Constellation para Nova Iorque, resgatando o glamour do Rio na década de 50. Texto e concepção: Cláudio Magnavita. Com Adriana Quadros, Tatiana Monteiro, Camila Capute. **Café Teatro-Arena** (Rua Siqueira Campos, 143, Copacabana). Fone: 2235-5348. Quinta e domingo, 18h. Sexta e sábado, 21h. R\$ 50. Até 15 de março.

DELÍRIO POÉTICO MUSICAL

Espectáculo-solo de Osmar Prado, escrito, dirigido e atuado por ele, reunindo poemas, canções e histórias que marcaram seus 45 anos de carreira teatral. Participação da bailarina Vânia Penteado e da pianista Jurema Fontoura. **Sala Baden Powell** (Av. Nossa Senhora de Copacabana, 360, Copacabana). Fone: 2548-0421. Terça, 17h. R\$ 15. Até 27 de abril.

DIÁLOGOS DOS PÊNIS

Dois amigos de infância comparam seus desempenhos com as mulheres. Texto e direção: Carlos Eduardo Novaes. Com Roberto Frota e Marcos Weinberg.

Teatro dos Grandes Atores – Sala Vermelha (Av. das Américas, 3.555, Barra). Fone: 3325-1645. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R\$ 25 (qui.), R\$ 30 (sex. e dom.) e R\$ 35 (sáb.).

ESSE ALGUÉM MARAVILHOSO QUE EU AMEI

Casal de escritores enfrenta a crise dos sete anos e começa a fantasiar infidelidades com personagens da literatura. Texto: Aloísio de Abreu. Direção: Cininha de Paulo e Aloísio de Abreu. Com Marcelo Serrado e Cláudia Rodrigues. **Teatro Vanucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R\$ 30 (qui. e sex.) e R\$ 40 (sáb. e dom.).

EQUUS

Montagem do texto clássico do dramaturgo inglês Peter Shaffer, escrita em 1975. Direção: Luís Furlanetto. Com Otávio Augusto, Pedro Garcia, Myrian Pérsia. **Teatro Villa-Lobos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2541-6799. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 25 (qui., sex. e dom.) e R\$ 30 (sáb.). Estréia: 12 de março.

FELIZES PARA SEMPRE

Peça de Mário Bortolotto narrando o cotidiano de três casais. Direção: Ale-



xandre Bordallo. Com Fernanda Azevedo, Isaac Bernat, Raquel Libóreo. **Cine Buraco** (Rua das Laranjeiras, 336, fundos, Laranjeiras). Fone: 2205-8638. Sexta e sábado, 21h. R\$ 15. Até 27 de março.

LEONCE E LENA

O reino de Popô promete o Príncipe Leonce para a Princesa Lena do reino de Pipi. Contrariados, os herdeiros fogem de seus respectivos castelos, encontram-se por acaso no meio do caminho e se apaixonam. Texto: Georg Büchner. Direção: Ricardo Kosovski. Com André Mattos, Débora Lamm, Érica Evantini. **Teatro Tablado** (Av. Lineu de Paula Machado, 795, Jardim Botânico). Fones: 2294-7847/ 2239-0229. Sexta e Sábado, 21h. Domingo 20h. R\$ 20. Estréia: 12 de março.

MACBETH

Clássico de William Shakespeare. Um nobre general escocês, instigado por sua mulher a cometer uma série de crimes, vive o dilema entre a ambição e os valores morais. Adaptação e concepção: Stephane Brodt e Ana Teixeira. Direção: Ana Teixeira. Com Stephane Brodt, Ludmila Wirchansky, Marcus Pina. **Teatro III do CCBB** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone:

3808-2020. Quarta a domingo, 19h. R\$ 10. Estréia: 11 de março.

MAIS UMA VEZ AMOR

Oito décadas da vida de um casal que enfrenta encontros e desencontros dos 16 aos 96 anos, durante várias passagens históricas do país. Texto: Rosane Svartman, Lulu Silva Telles e Ricardo Perroni. Direção: Ernesto Piccolo. Com Marcos Palmeira e Guta Stresser. **Teatro Leblon – Sala Marília Pêra** (Rua Conde de bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2294-0347. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R\$ 20 (qui. e sex.), R\$ 35 (dom.) e R\$ 40 (sáb.). Até 28 de março.

MELANIE KLEIN

Psiquiatra de renome internacional, conhecida como a precursora da psicologia infantil, tenta contornar seus próprios dramas em família. Direção: Eduardo Tolentino de Araújo. Com Nathalia Timberg, Carla Marins e Rita Elmor. **Teatro Maison de France** (Av. Presidente Antonio Carlos, 58, Centro). Fone: 2215-1708. Quinta e sexta, 19h30. Sábado, 20h. Domingo, 18h. R\$ 30 (qui., sex. e dom.) e R\$ 35 (sáb.). Estréia: 5 de março.

NOSFERATU, UM POUCO DE NÓS

Espectáculo interativo da Cia. Chronos de Teatro, montado num casarão em

Botafogo. Nosferatu é acusado por um advogado e julgado pelo público. Texto e direção: Marcos Henrique Rego. Com Guilherme Mariz, André Gracindo, Anna Schüller. **Casarão Abrantes Futebol Clube** (Rua Bambina, 141, Botafogo). Fone: 9375-6501 (marcar com antecedência, lotação de 60 lugares). Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 10.

NÓS NA FITA

Show de comédia que traz pequenos dramas cotidianos, como comportamentos inoportunos, viagem de férias, festas infantis, filas de banco. Texto: Leandro Hassum e Marcius Melhem. Direção: Alexandre Régis. Com Leandro Hassum e Marcius Melhem. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. Terça e quarta, 21h. R\$25,00. Estréia: 2 de março.

O CASO DA RUA AO LADO

Comédia de Eugène Labiche. As confusões de dois amigos que acordam de ressaca, não se lembram do que fizeram na noite anterior e suspeitam que tenham cometido um assassinato. Adaptação e direção: Alberto Renault. Com Luiz Fernando

Guimarães, Otávio Muller, Nelson Dantas, Clarice Niskier e João Fonseca. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R\$ 30 (qui. e sex.), R\$ 35 (dom.) e R\$ 40 (sáb.).

O MENSAGEIRO

Baseado nas obras O Mensageiro, de João Alphonsus, e O Casamento no Arrabalde, de Franklin Távora, com a Dadaê Companhia de Teatro. Direção: Carmen Frenzel e Marcos Ácher. Com Carol Torres, Débora Salem, Fábio Müller, Marcia Serra, Tatá Oliveira, Amanda Ferraso e André Pimentel. **Teatro Miguel Falabela** (Av. Dom Helder Camara, 5352 - piso 2 - Noshopping, Del Castilho). Fone: 2595-8245. Terças e quartas, 20h. R\$ 10. De 9 a 31 de março.

O TARTUFO

Nova montagem do clássico de Molière mostrando como a lãbia de um falso beato pode ludibriar um rico senhor burguês a ponto de lhe entregar seus bens e a mão de sua filha. Direção: Jacqueline Laurence. Com Ednei Giovenazzi, André Valli. **Teatro SESI** (Av. Graça Aranha, nº 1, Cen-



tro). Fone: 2563-4164. Quinta, sexta e domingo, 19h30. Sábado, 20h30. R\$ 20 (qui., sex. e dom.) e R\$ 25 (sáb.). Até 4 de abril.

OS IGNORANTES

Monólogo escrito, dirigido e atuado por Pedro Cardoso. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 30 (qui.), R\$ 35 (sex. e dom.) e R\$ 40 (sáb.). Estréia: 5 de março.

OBRIGADO, CARTOLA

Compositor fracassado e alcólatra mergulha nas músicas e no universo pessoal de Cartola para compor samba-enredo em sua homenagem para o próximo desfile da Mangueira. Texto: Sandra Louzada. Direção: Vicente Maiolino. Com Flávio Bau-raqui, Mariah da Penha, Sérgio Loroza. **Teatro I do Centro Cultural do Banco do Brasil** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. De quarta a domingo, 19h. R\$ 10. Até 28 de março.

QUALQUER ESPÉCIE DE SALVAÇÃO

Depois de anos, Victor reencontra seu irmão Theo, que o trai com a cunhada. Texto: Roberto Alvim. Direção:

Roberto Alvim e Daniela Amorim. Com Luciana Borghi, Roberto Alvim, Otto Jr., Cláudia Melo. **Teatro do Jockey** (Rua Mário Ribeiro, 410, Gávea). Fone: 2540-9853. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 15. Estréia: 5 de março.

QUARTA-FEIRA, SEM FALTA, LÁ EM CASA

Duas amigas, a independente Alcina e a contida Laura, encontram-se semanalmente para lembrar os bons e maus momentos de 40 anos de amizade. Texto: Mario Farias Brasini. Direção: Alexandre Reinecke. Com Beatriz Segall e Myrian Pires. **Teatro do Leblon - Sala Fernanda Montenegro** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 30 (qui.), R\$ 40 (sáb.) e R\$ 35 (sex. e dom.). Até 28 de março.

QUERIDINHA

Texto de Anton Tchecov. Ólenka, mulher submissa e devotada a seus amores, muda de personalidade a cada novo relacionamento. Direção: Gilberto Gawronski. Com Ricardo Blat e Regina Gutman. **Espaço SESC - Sala Multi-Uso** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Sexta a domingo, 20h. R\$ 5. De 5 a 14 de março.

O Tartufo

“É um texto ótimo de Molière. E adoro a Jacqueline Laurence, ótima em tudo que faz. Admiro muito o seu trabalho de pesquisa com os textos que dirige.”

Elizabeth Savalla, atriz



FOTOS: TV GLOBO/DIVULGAÇÃO

Abalou Bangu

“Maravilhoso! Tudo que o Flávio Marinho escreve é sempre interessante, inteligente e engraçado. Sem falar nos dois atores, que são sensacionais. O André (Valli) e a Cristina (Pereira) dão um show.”

Antonio Grassi, ator



A ópera do malandro

“Por três meses fiquei tentando comprar ingresso, mas estava sempre esgotado. Ouvia belíssimos comentários e não era exagero. É uma montagem perfeita em todos os sentidos.”

Rocco Pitanga, ator



O caso da rua ao lado

“É de uma delicadeza incrível. E o público está carente de bons textos, como este. Sem falar na atuação do Luiz Fernando (Guimarães), de quem sou fã.”

Cristiana Oliveira, atriz





CONJUGADO

Os limites de uma kitchnette expõem a angústia de uma mulher à beira de um ataque de nervos.

Por Janaina Medeiros

Numa sociedade individualista e amedrontada, a classe média torna-se cada vez mais prisioneira de sua própria casa. Mas quando a pessoa em questão é uma balzaquiana solitária, e seu lar uma kitchnette, podemos estar diante de uma bombarelógio. É esta angústia moderna que está presente em *Conjugado*. A peça, escrita e dirigida por Christiane Jatahy, ocupará o palco do Espaço Sesc a partir de 5 de março.

Estrelada por Malu Galli, o espetáculo começa a incomodar – no bom sentido – a partir do cenário. O minúsculo apartamento e sua entediante rotina dão a noção exata de como a personagem está enclausurada física e psicologicamente. Ao longo de 50 minutos, o público acompanha suas manias. Até que interferências externas começam a abalar o seu mundinho perfeito —e ela passa a se confrontar com sua realidade.

Página em branco

“Escolhemos fazer um cenário bem *clean*, todo branco, para parecer inóspito. Ao mesmo tempo é uma página em branco onde ela escreve sua própria história”, conta Christiane Jatahy. “A personagem se cerca de objetos e rituais como apoio para enfrentar a solidão e

fugir do embate com o outro. Infelizmente, isso é algo muito comum hoje em dia”, diz a autora e diretora, que trabalhou com Malu Galli no bem-sucedido *Memorial do Convento*, adaptação do romance homônimo de José Saramago.

Para Christiane, os mínimos detalhes, desde o palco e o cenário até a repetição de comportamentos, são fundamentais para criar uma empatia com o público. “É muito difícil não se identificar com ela em algum momento. Por isso não demos nome à personagem nem limitamos sua idade. Ela tem em torno dos 35 e pode ser qualquer um de nós”.

Surpresa

Chegar em casa, tomar banho, jantar, assistir televisão e dormir. Fazer o mesmo na noite seguinte e na outra e na outra. E a cada abertura da persiana falar sozinha e dialogar com suas próprias angústias. Pois tudo isso foi fruto de uma intensa pesquisa. Durante seis meses, Christiane Jatahy entrevistou quase 60 mulheres anônimas, acompanhada pela documentarista Márcia Derraik. “Muitas frases da peça foram inspiradas em depoimentos reais”, revela a autora, que pela primeira vez assina um monólogo. Uma vídeo-instalação garante a surpresa no final da peça.



Qualquer espécie de SALVAÇÃO

Três personagens buscam na traição e no fanatismo a saída para seus problemas de família.

Como manter um ideal no mundo de hoje? A falta de fé no ser humano e em Deus é questionada através dos três protagonistas de *Qualquer Espécie de Salvação*, drama de Roberto Alvim que estréia no próximo dia 5 de março no Teatro do Jockey.

O espetáculo começa com a chegada do professor de história da arte Victor (Otto Jr.) e sua esposa, Suzana (Luciana Borghi) à casa de campo onde ele cresceu. Lá ele reencontra o irmão caçula Theo (Roberto Alvim), um sonhador que pretende fundar uma seita.

Enquanto Victor e Suzana enfrentam uma crise por conta dos problemas de saúde do filho, ainda bebê, Theo acredita ter poderes divinos e atrai seguidores. E este é apenas o início da trama, que aos poucos revela segredos de família que mudam os destinos de todos.

Desafio

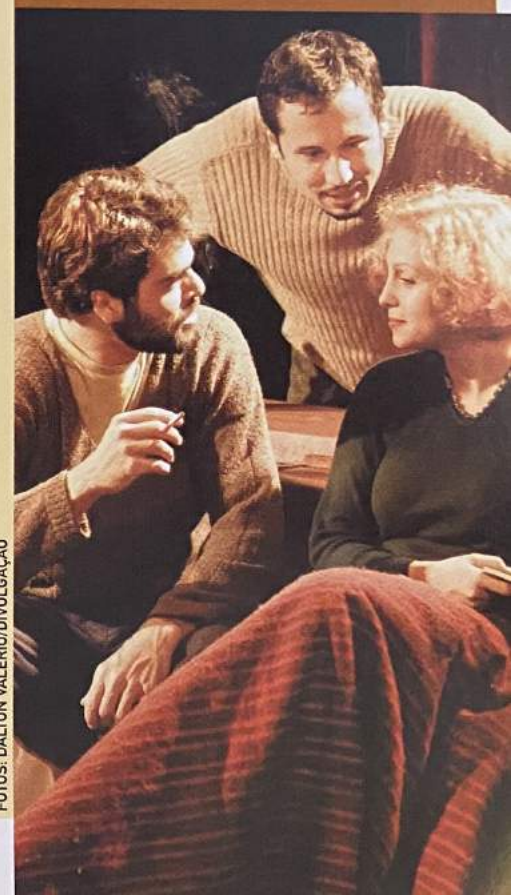
“Como escrevi e estou atuando, chamei a Daniela Amorim para dividir a direção da peça comigo. Estava me sentindo bastante esquizofrênico me dirigindo sozinho”, brinca o carioca Roberto Alvim, que tem 30 anos de idade. “Foi um desafio e um amadurecimento como autor. Até agora os meus textos eram bastante fragmentados. Dessa vez compus seres tridimensionais, bem mais humanos e complexos”, compara.

Durante o mês de fevereiro, a peça fez quatro apresentações no evento Porto dos Palcos e foi muito bem recebida pelo público. Apesar de ser um talento jovem do teatro, Roberto Alvim contou com o apoio do experiente dramaturgo Bosco Brasil para finalizar o texto. “A peça é dedicada a ele, que se tornou um mestre e um amigo. Ficou ao meu lado durante dois meses, estimulando, conversando e dando sugestões”, confessa Alvim.

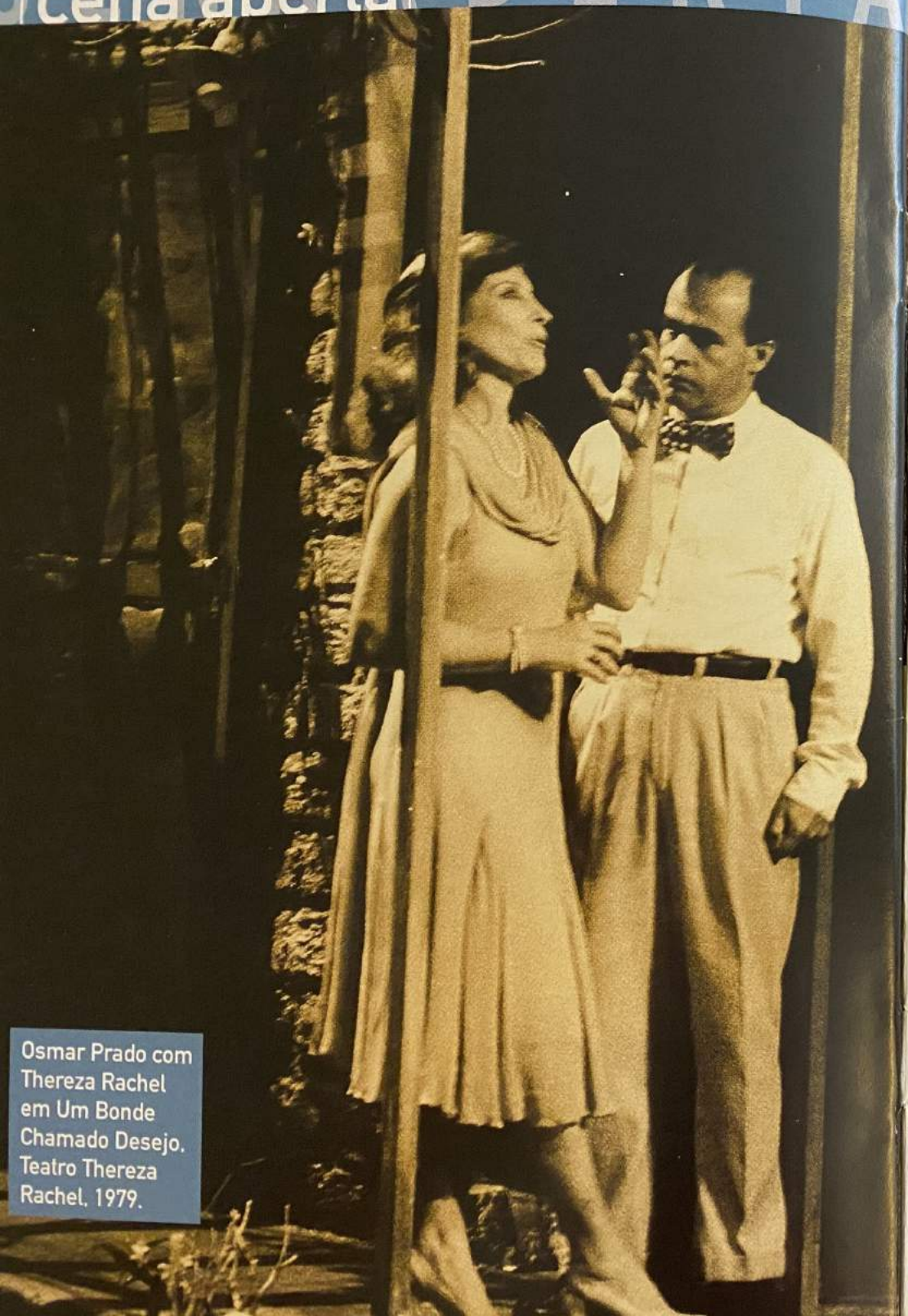
O apoio dos amigos continua no elenco. A atriz Luciana Borghi, com quem Roberto Alvim fundou a companhia teatral, fica feliz na opção pelo estilo dramático. “Por que o drama não pode ser de vanguarda também? Acho que é hora de se pensar nisso”, apóia, lembrando que todo mundo está à procura de uma salvação. Dentro e fora do palco.

Uma nova fase

É a sexta peça do dramaturgo e diretor Roberto Alvim para a sua companhia, o Teatro Carioca de Repertório, que completa sete anos em 2004. O grupo ficou conhecido por pesquisar uma linguagem cênica fragmentada, além de apresentar espetáculos de narrativa não linear. Esta é a primeira incursão num drama realista, com “início, meio e fim” e personagens de perfil psicológico bem delineados. E o autor pretende que seja apenas o início de uma nova fase de sua carreira. “Agora que tomei o gostinho, não pretendo parar. A ajuda do Bosco me fez mudar radicalmente meu processo de trabalho”, diz ele.



FOTOS: DALTON VALERIO/DIVULGAÇÃO



Osmar Prado com Thereza Rachel em Um Bonde Chamado Desejo. Teatro Thereza Rachel, 1979.



PREFEITURA DO RIO

Chegou a hora da sua tribo mostrar seu valor.

Se você canta, dança, toca um instrumento, faz teatro, pinta e borda ou é de circo. **JÁ É.** Sua chance de aprender mais sobre a sua arte e ser a revelação do projeto de novos talentos da cidade do Rio de Janeiro.

Vagas limitadas

Informações: Ouvidoria da SMDS - Tel.: (21) 2503 - 3114

Pré-requisitos: ter entre 15 e 24 anos, interesse nas áreas de teatro, dança, canto, circo e artes plásticas.

Seleção até: 15 de março



CENTRO CULTURAL CORREIOS APRESENTA

Começaria Tudo Outra Vez

A História de Luiz Gonzaga Júnior

De quinta a domingo. De 12 a 28 de março
Centro Cultural Correios
Informações: 2595 8245

Programação:

Março | 20 Anos Chico O Globo
São Paulo por Paulo Caruso
A Cara do Rio
Pinturas - Ivy Maria
O Traço e o Gesto - Cícero Manoel

Abril

A Casa dos Budas Ditosos
Bel Borba
Vladimir Machado
Guilherme Toledo
Paulo Mamede

